Trabalhos Científicos

Título: Análise Do Perfil Epidemiológico Dos Acidentes Por Animais Peçonhentos Em Crianças E Adolescentes No Estado De Mato Grosso Do Sul

Autores: MARTA JANAINA PEREIRA DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - CÂMPUS TRÊS LAGOAS (UFMS -CPTL)), STHEFANY SILVA CARDOSO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - CÂMPUS TRÊS LAGOAS (UFMS -CPTL)), BRUNA MORETTI LUCHESI KWIATKOSKI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - CÂMPUS TRÊS LAGOAS (UFMS -CPTL))

Resumo: Os acidentes por animais peçonhentos constituem um grave problema de saúde pública. É considerado um agravo tropical negligenciado. As crianças e adolescentes estão mais suscetíveis a esses acidentes, tendo assim grande importância epidemiológica. Conhecer o perfil epidemiológico dos acidentes por animais peçonhentos em crianças e adolescentes no estado de Mato Grosso do Sul. Trata-se de um estudo descritivo e transversal, baseado em dados coletados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação vinculado ao Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (SINAN/DATASUS), referentes ao ano de 2022, ano com dados mais recentes sobre acidentes por animais peçonhentos em crianças e adolescentes de zero a 14 anos no Estado de Mato Grosso do Sul (MS). A pesquisa foi realizada em janeiro de 2024 e levou em consideração as variáveis tipo de acidente, macrorregião, sexo, faixa etária, raça e evolução do caso para analisar o perfil epidemiológico. Foram notificados 973 casos de acidentes por animais peçonhentos, sendo 72,4% causados por escorpiões, 8,5% por abelhas, 5,1% por serpentes, 3,6% por aranhas, 2,2% por lagartas, além de 5,5% outros animais e 1,6% em branco/ignorado. Por macrorregiões, observou-se 50,7% em Campo Grande, 24,3% em Três Lagoas, 18,4% Dourados e 6,7%, Corumbá. Dos casos registrados, 53,6% eram do sexo masculino e 46,4% do sexo feminino. A faixa etária com maior número de casos foi de 5-9 anos (33,6%), seguido por 10-14 anos (31,3%), 1-4 anos (26,8%) e menores de um ano (8,2%). Com relação à raça, 43,0% eram pardos, 34,3% brancos, 4,5% indígenas, 2,4% pretos, 0,7% amarelos e em 15,1% sem informação. Quanto à evolução do caso, a maioria (86,1%) evoluiu para a cura, nenhum foi a óbito pelo agravo notificado, um foi a óbito por outra causa e 13,8% não tinham a informação. Houve um maior número de acidentes por escorpião, na macrorregião de Campo Grande, no sexo masculino, na faixa etária entre 5-9 anos, em pardos e com evolução para a cura. O conhecimento desses casos e de sua evolução é importante para melhorias no atendimento médico, planejamento de atividades de vigilância em saúde e de programas de prevenção de acidentes envolvendo crianças e adolescentes, visando diminuir a incidência desses agravos, especialmente nos grupos mais vulneráveis.